

**34ª Reunião de Antropologia**  
**23 a 26 de julho de 2024, Belo Horizonte-MG.**

**GT 064:** Gêneros, sexualidades e corpos plurais: abordagens antropológicas de práticas esportivas

**O gênero no torcer: notas etnográficas sobre as questões de gênero nas torcidas organizadas de futebol**

Autora: Marianna Castellano Barcelos de Andrade, PPGAS-UFSCar, São Carlos-SP.

## **O gênero no torcer: notas etnográficas sobre as questões de gênero nas torcidas organizadas de futebol <sup>1</sup>**

**Resumo:** Neste trabalho buscarei apresentar algumas questões etnográficas decorrentes da minha pesquisa de doutorado em andamento, a respeito dos debates de gênero e suas interseccionalidades dentro de três torcidas organizadas da cidade de São Paulo, a saber, Gaviões da Fiel, Camisa 12, ambas vinculadas ao Corinthians, e a Mancha Alviverde, vinculada ao Palmeiras. Visando analisar as disputas, negociações e estratégias políticas presentes neste ambiente marcadamente masculinizado, olhando principalmente para a generificação da sociabilidade torcedora. Afinal, como é possível romper com a ideia de que existe uma categoria específica de gênero para o torcer e que ela pertence somente aos homens? Quais as diferenciações e aproximações das demandas internas de gênero em cada uma das torcidas estudadas? Estes são alguns questionamentos provocativos que balizam minha pesquisa etnográfica e que agora, neste GT podem ser discutidas de maneira proveitosa em diálogo com os demais trabalhos.

**Palavras-chaves:** Antropologia das Práticas Esportivas; Torcidas organizadas de Futebol no Brasil; Questões de gênero; Mulheres no futebol; Torcedoras.

### **Introdução**

Ao longo de décadas, o jogar e o torcer, têm sido práticas estudadas dentro da antropologia, pois são instâncias que definem a sociabilidade em torno da expressão cultural futebol (COSTA & TOLEDO, 2022). Entretanto, através de pesquisas voltadas a este tema, notou-se a delimitação de espaços simbólicos que são construídos de maneira majoritariamente masculina, que historicamente respingou nas formas coletivas de torcer que se formaram em torno do futebol<sup>2</sup> no Brasil, como no caso das torcidas organizadas.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é apenas um recorte, de uma pesquisa de doutorado em andamento, intitulada de, “Questões de gênero nas torcidas organizadas de futebol: etnografia em perspectiva comparada”, no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos.

<sup>2</sup> Importante salientar que as pesquisas contemporâneas destacam a importância de se observar futebolis SPAGGIARI et al, 2016; DAMO, 2018; BONFIM, 2019; TOLEDO, 2020; CAMARGO, PISANI & ROJO, 2012; HANG, HIJÓS MOREIRA, 2021 entre muitos outros), problematizando tomar no singular aquilo que sabidamente se espalhou em muitas demandas e camadas de práticas no campo esportivo. Futebolis é termo que interpela um foco mais multidirecionado e focado em outros recortes de análise, sobressaindo a problemática de gênero nessa bibliografia e, sobretudo, neste presente trabalho.

Deste modo, este trabalho se situa dentro de uma antropologia das práticas esportivas (TOLEDO; COSTA, 2009), a qual já tem direcionado este olhar para o torcer e o jogar, para além da hegemonia masculina, como apontam os trabalhos de Claudia Kessler e Mariane Pisani (2022), as quais nos alertam da necessidade contemporânea de uma abordagem não só com o recorte de gênero, mas sim interseccional, para melhor compreender as relações de poder imbricadas nos esportes e em seus entornos<sup>3</sup>, no caso em tela, com enfoque a partir das torcidas organizadas.

Para uma análise esportiva mais atual, é imprescindível atentar àquilo que se tem chamado de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019). Neste sentido, a sexualidade e o gênero se tornam questões imprescindíveis para o entendimento dos sujeitos e das relações de poder, assim como são importantes raça/etnia, classe e idade. (PISANI; KESSLER, 2022, p. 6).

Paradoxalmente, em que pese a hegemonia masculina em torno do torcer, algo que as pesquisas sobre essa temática enfatizam demasiadamente é que nos significados em torno do torcer na própria linguagem, a palavra “torcedor”, que existe apenas na língua portuguesa derivada como adjetivo substantivo masculino, teve seu surgimento expressivamente motivado pela presença feminina nas arquibancadas, ainda nos primórdios da prática, sobretudo se tomarmos o contexto latino-americano e, mais especificamente, a introdução da prática dos esportes nos maiores centros urbanos brasileiros.

Fato curioso, e até mesmo contraditório, pois durante minhas pesquisas e consultas bibliográficas sobre o assunto, haviam poucos destaques sobre a presença feminina nas arquibancadas, e posteriormente em coletivos torcedores, como o caso das torcidas organizadas. É interessante observar então, o esforço que ocorreu para que as narrativas tanto da prática quanto do torcer em torno do futebol, fossem marcadamente exclusivas aos homens.

Algo que prontamente me remete a Connel (2003), pois a autora aponta como o conhecimento científico e as tecnologias ocidentais se encontram masculinizadas, pois foram

---

<sup>3</sup> Neste caso, destaco que, abordagens históricas e socioantropológicas voltadas para a prática feminina do jogar são acolhidas em Bonfim (2019), Goellner (2005), Silva (2017) e Pisani (2018). Já olhares mais específicos a respeito da presença feminina no torcer, das arquibancadas e fora delas no Brasil e na América Latina, podem ser consultados em Campos (2010), Silva, et al. (2016), Moraes (2018), Pinto (2018) e Pessanha (2020).

historicamente feitas por homens, e para privilegiar a masculinidade. O que nos mostra que a ciência, e o saber em suas diversas multiplicidades, fazem parte de uma cultura interna de relações de poder que sustentam a diferença entre os gêneros.

Saliento ainda que isso diz muito sobre nossas pesquisas estarem sob esse viés *masculinizado das ciências* (CONNEL, 2003), do que da real ausência das mulheres em toda a trajetória do torcer, sobretudo nas torcidas organizadas. Afinal, como pude perceber já a partir das falas de minhas interlocutoras nos Gaviões da Fiel, das quais destaco uma: “(...) na história, se você for ver lá no começo, tem depoimento dos caras mesmo falando que tinha mulher que guardava os instrumentos, guardava a bandeira entendeu... Então isso não é uma “tradição” [masculina]. É algo que foi criado durante os anos mesmo” (ANDRADE, 2022. p. 81. Grifo meu).

O que tem me levado a perseguir a seguinte questão durante minhas pesquisas etnográficas: afinal, como é possível romper com a narrativa de que existe uma categoria específica de gênero para o torcer e que ela pertence somente aos homens?

### **As torcidas organizadas em questão e suas torcedoras**

É possível dizer que primeiras pesquisas de maior fôlego no Brasil sobre torcidas organizadas surgiram desde César (1981), que pode ser considerado um marco sociológico dos estudos acadêmicos sobre comportamento torcedor, entretanto, foi na década de 1990 que trabalhos de perspectiva antropológica e etnográfica foram elaborados, tais como Toledo (1996), Pimenta, (1997), Damo (2002) e o importante olhar feminino da antropóloga Rosana Teixeira (2003) sobre torcedores.

Por isso, almejo agora pensar também em novas problemáticas e abordagens metodológicas para além do repertório conceitual recente, que ficou definido de maneira mais focada em classificações analíticas como pertencimento clubístico (DAMO, 2002), sociabilidade por distanciamento (TOLEDO, 2002), vontade e representação (BUARQUE DE HOLLANDA, 2010).

Neste tópico, pretendo contextualizar brevemente o histórico de fundação das torcidas organizadas que fazem parte do meu reportório etnográfico, mas antes, acredito ser importante destacar sob qual ótica eu compreendo as torcidas organizadas, pois neste caso, as

torcidas organizadas são tomadas aqui mais como “manejos contextuais” e menos como organizações sociais, apesar de serem estruturas tradicionais e hierárquicas, também são atravessadas por diversas subjetividades em constantes disputas interseccionais, que interpelam marcadores sociais como raça, classe e gênero.

Ou seja, tomar as torcidas organizadas como “manejos contextuais”, e não apenas colocá-las como modelos de torcer reificados e reificantes em formações institucionalizadas, que é o que mais corriqueiramente se encontra numa ampla bibliografia, permite ampliar o olhar sobre os significados e o lugar das torcedoras, que buscam negociar a posse e o controle da sua própria vocação torcedora e seus *pertencimentos* (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021).

No que diz respeito a contextualização histórica das torcidas organizadas, começarei pelos Gaviões da Fiel, afinal, esta é a torcida que este trabalho apresenta mais familiaridade<sup>4</sup>. Sua origem é datada de maneira oficial desde 1º de julho de 1969. Essa torcida é uma das pioneiras de um movimento que eclodiu nas arquibancadas, com a criação das torcidas organizadas a partir da década de 1970.

Muitos estudos a respeito da história de fundação da agremiação destacam que os jovens torcedores possuíam uma visão questionadora e participativa tanto na vida política, quanto na vida clubística. Hollanda (2015) aponta que um dos nomes que constam no livro-ata da reunião que fundou a torcida era o de Flávio La Selva, estudante da faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), que participava ativamente das passeatas estudantis em 1968, colocando-se de maneira explícita como contestador do regime militar. A partir da pesquisa etnográfica percebi o quanto o nome de Flávio La Selva, como um dos fundadores da torcida, é motivo de orgulho até hoje entre os associados mais “progressistas” e institucionalmente pela própria entidade, a qual ostenta seu rosto e nome em grafites nas paredes de sua quadra-sede.

Essa breve história de fundação, muito difundida pelos próprios associados carrega em si elementos que exaltam um suposto caráter contestatório no surgimento da torcida, versão muito corroborada pela mídia e pelo senso comum, o que chamei durante a etnografia provocativamente de *ethos progressista* dos Gaviões da Fiel<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Digo isso, pois realizei pesquisa de campo nos Gaviões da Fiel para o mestrado, de 2019 a 2020, e agora, em 2024, retomo a pesquisa de campo para o doutorado.

<sup>5</sup> Essa ideia foi pensada a partir da dissertação de mestrado e, neste caso, o que se entende por *ethos* é o conjunto de características culturais, sobretudo, modos de comportamento que vão demarcar uma certa identidade da

Vale destacar, que é perceptível que dentro da torcida existem associados mais conservadores e a finalidade desta análise não é de romantizar a torcida e colocá-la no papel de “torcida revolucionária”, pois, como ressalta Canale (2020, p. 62), as histórias de fundação das torcidas organizadas não cabem nos moldes políticos-partidários clássicos, que preveem posicionamentos de direita ou de esquerda.

A noção de *ethos progressista* surge justamente na tentativa de mostrar algo que não é completamente hegemônico da torcida, mas que é capaz de mobilizar e gerar uma memória coletiva para boa parte de seus associados, criando características específicas que constantemente busca distinguir os Gaviões da Fiel das demais torcidas organizadas, ao menos em sua narrativa identitária.

Além de que, tal conceito para minha pesquisa ganha ainda mais protagonismo quando colocado sob a ótica das questões de gênero e suas interseccionalidades, pois, nestes termos, a própria narrativa de fundação sustentada por uma perspectiva progressista foi também uma história contada por homens e, sobretudo, para homens. E que esse apego ou zelo pelo *ethos progressista*, historicamente construído, trouxe no bojo de suas relações um certo “conservadorismo de gênero” até mesmo em suas formas de lembrar e recontar sua própria história. Afinal, esse lugar de *fazer a história* (BENJAMIN, 2012) é ocupado de maneira esmagadora pelos homens da torcida.

Importante situar que a expressão conservadorismo de gênero diz respeito a uma série de interdições sofridas pelas mulheres torcedoras associadas aos Gaviões da Fiel. Como por exemplo a impossibilidade de percutirem certos instrumentos da bateria e de participarem do departamento de bandeiras, dentre outras práticas importantes na sociabilidade torcedora e que apenas são permitidas aos homens da agremiação. Como se pode notar na fala de uma interlocutora: “Por exemplo, a mulher não pode tremular bandeira (...) Quando você chega na torcida você escuta muito isso mesmo, ‘tem que respeitar a ideologia, tem que seguir e tal’. E aí você vai ver e a ideologia é isso, que a mulher não pode fazer tal coisa etc.” (ANDRADE 2022. p. 81)<sup>6</sup>.

---

torcida como coletivo. No caso dos Gaviões da Fiel, esse *ethos* estaria relacionado aos posicionamentos políticos mais progressistas (mesmo que não sem controvérsias) ao longo da história de existência da entidade.

<sup>6</sup> Um pequeno adendo etnográfico, no início deste ano, um grupo de associadas dos Gaviões da Fiel, criaram o “Coletivo Feminino Gaviões da Fiel”, uma vontade antiga, que desde 2019, acompanhei as interlocutoras especulando sobre o assunto, e que só teve espaço para concretização, esse ano.

A Camisa 12, por sua vez, tem seu surgimento dois anos depois, mais precisamente em 8 de agosto de 1971, sendo inclusive uma dissidência dos Gaviões da Fiel. Composta inicialmente pela maioria de associados egressos dos Gaviões que divergiam politicamente das lideranças da antiga torcida, decidiram fundar outra torcida organizada, como aponta Claudio Romero, ex-dirigente e fundador dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12:

Eu não queria deixar a Gaviões, porém cedi. Se fosse apenas pelo ego de ser presidente de uma instituição, eu poderia esperar mais um pouco - para que completasse 18 anos - e lideraria a Gaviões da Fiel. Todavia, essa não foi a questão(...) A data oficial de fundação é a da nossa primeira aparição em um jogo, que ocorreu em 8 de agosto, em um clássico contra o Palmeiras no Morumbi. Eu convidei vários torcedores e houve muita adesão. Metade da Gaviões veio para o nosso lado (HOLLANDA & FLORENZANO, 2019, p. 173).

Cabe destacar que a origem da Camisa 12 como dissidente dos Gaviões, liderada por Claudio Romero, conhecido militante de esquerda que anos depois chegou a cursar história na USP e participar de coletivos políticos, fez com que o caminho contestatório e "progressista" de fundação da agremiação fosse bastante parecido com o exemplo gavião.

Deste modo, o que sugiro como hipótese é que as duas torcidas escolhidas se moldam a partir do mesmo *ethos progressista*, salientado desde o surgimento de ambas, uma vez que uma é dissidência da outra e ambas se encontram sob o mesmo espectro do corinthianismo.<sup>7</sup>

A Mancha Verde<sup>8</sup>, no que lhe concerne, tem seu surgimento na década de 1980, em 11 de janeiro de 1983, sendo uma fusão entre as torcidas Inferno Verde e a Império Verde, ambas críticas a maior torcida do Palmeiras na época, a TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras). Fundada em um contexto bem diferente daquele das torcidas do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, a Mancha participa de um momento em que as torcidas organizadas já

---

<sup>7</sup> Segundo Toledo e Souza Junior (2020, p. 10): "Podemos tomar o *corinthianismo* como sintoma de um regime emocional fractal que produz o corinthiano (indivíduo) como um todo (Strathern 2014), forjado e essencializado nas qualidades da combatividade aguerrida, "sofredora" e presencial (fiel) que fincaram raízes no imaginário, inclusive entre torcedores adversários". Imaginário esse também associado frequentemente ao que venho chamando de "ethos progressista", sobretudo por essas características sofredoras serem também atreladas a um imaginário popular do torcedor corinthiano. Além do importante papel institucional da memória ao episódio da Democracia Corinthiana (FLORENZANO, 2009) na construção desse corinthianismo sob o "ethos progressista".

<sup>8</sup> Mancha Verde é o nome de fundação da torcida na década de 1980, porém, em 1997, devido a uma série de punições do Ministério Público destinada às torcidas organizadas paulistanas, a torcida palmeirense é refundada com o nome de Mancha Alviverde, por isso, em alguns momentos da escrita, ambos os nomes aparecerão, pois cada um deles faz referência a momentos distintos da existência da torcida (VICTOR, 1997).

estavam mais estabelecidas como modelos associativos e *formas de torcer* ou *estilo de vida* (TOLEDO, 1996; 2010; 2013).

Do ponto de vista do gosto e da sociabilidade juvenil, lócus da arregimentação em larga escala de torcedores, a década de 1990 testemunhará uma nova subjetividade jovem, expressa numa corporalidade multiplicada em variadas formas e manejos de ser, a produzir vasos comunicantes entre comportamentos, estilos, ideais, condutas e juízos estéticos. (TOLEDO, 2012, p. 127).

A fundação da torcida foi motivada por um ethos masculino contendor e transgressivo, ou de uma sociabilidade amparada na “violência”, destacada por seus próprios associados.

Nesse sentido, fica nítido quais eram as inspirações da juventude que vinham se formando na época, tendo seu auge na década de 1990, mas que já dava seus indícios desde os anos 1980. Esses diferentes contextos sociais, consequentemente produzem no interior das torcidas organizadas identidades distintas presentes em décadas anteriores, o que obviamente também reflete nas torcidas que pareciam já mais consolidadas, como no caso dos Gaviões da Fiel ou da Camisa 12.

Ou ainda dialogando com as análises de Toledo (2012, p. 130.), vemos que “a produção de outras corporalidades pensadas alcançaria a retórica torcedora e outros agrupamentos juvenis, modulando um comportamento viril [e masculino] ao longo da década”. A Mancha Verde nasce, portanto, sob os signos da transgressão do pertencimento clubístico e da virilidade mais difusa na sociedade brasileira, em consonância ao que era ocasionado no contexto da época de seu surgimento.

Desse modo, cada fragmento de história de fundação das torcidas organizadas aqui destacadas carrega consigo características específicas que reverberam até os dias atuais, seja com as torcidas corinthianas através do espectro do progressismo, ou pela Mancha Verde através de estigmas arraigados e postura contendor, que carregam consigo adjetivos atrelados a um torcer propriamente masculino, de macheza e virilidade, que aqui chamarei de *ethos de virilidade*.

Tendo exposto as particularidades de cada torcida em questão, iniciei meu campo com algumas hipóteses a partir das especificidades de cada uma delas, como por exemplo, questionando se na Camisa 12 seriam as questões de gênero medidas pela mesma régua politicamente conservadora de costumes, tal como presenciei na etnografia sobre os gaviões,



ou se a dissidência e talvez menor institucionalização burocrática não teriam ampliado outros espaços de discussão, que incluíram uma maior participação das mulheres. Como já sugeriram até mesmo algumas torcedoras dos gaviões:

Sempre teve proibição para ir em algumas caravanas que são consideradas mais 'perigosas' né (...) Se você visse mulher que foi pra lá (estádio do Vasco da Gama em São Januário) ou foi com a Camisa 12, ou com a Pavilhão (...) Mas assim, eu acho que um avanço é que tem algumas reuniões que as minas já participam, apesar de que essa coisa do direito a fala ainda é bastante complicada também. E isso é no Gaviões viu? Porque por exemplo, na Camisa 12 tem minas que tocam até bateria... (DIÁRIO DE CAMPO).

Desse modo, as primeiras incursões na Camisa 12, demonstra que as torcedoras não enfrentam algumas proibições já normalizadas nos Gaviões da Fiel, afinal as torcedoras da Camisa 12 não são proibidas de tocar surdo na bateria (como são nos Gaviões da Fiel), costumam frequentar caravanas (viagens para acompanhar o time quando joga fora de seu estádio), situação que, a depender do jogo, nos Gaviões da Fiel é considerada proibitiva para as mulheres, como é o caso de jogos contra o Vasco da Gama em seus domínios, em São Januário, no Rio de Janeiro.

É importante destacar, novamente, que meu trabalho de campo ainda está em andamento, e justamente por conta disso, o foco deste trabalho não será esmiuçar o material encontrado durante a etnografia, afinal, ainda existe muito trabalho a ser feito, que resultam em muito mais questionamentos do que respostas.

No caso da Camisa 12, pretendo especular mais profundamente quais os limites desta maior abertura à participação das mulheres torcedoras. Em que medida as demandas do gênero, e seus atravessamentos de raça e classe, são pensadas de maneiras diferentes em ambas as torcidas mesmo estando sob um único pertencimento clubístico? Afinal, seria o pertencimento clubístico também um marcador determinante para o conservadorismo de gênero?

Em relação a etnografia com os Gaviões da Fiel, tenho exercitado continuamente o exercício da *memória outra*, proposta por Toledo (2021, p. 25), definida pelo mesmo como “um recurso à viabilidade da pesquisa ou espécie de condição para o exercício de uma sociabilidade pretérita acionada pela memória.” Cruzando constantemente as memórias do

que encontrei na torcida e nas torcedoras, desde 2019, com o presente e as possíveis transformações que são encontradas nos Gaviões da Fiel de 2024.

No que diz respeito a Mancha Alviverde, o caminho tem sido mais longo, afinal, se trata de uma nova torcida vinculada a um novo pertencimento clubístico, que é o caso do Palmeiras, principal rival do Corinthians, time a qual minhas pesquisas etnográficas já apresentavam maior familiaridade. Ao adentrar na Mancha Alviverde, tenho voltado o olhar ainda que cauteloso, por se tratar de um espaço completamente novo, para a sua fundação vinda de um ethos (ainda mais) masculino e de virilidade, que surge com o propósito de não ser uma torcida que apanha e sim que impõe respeito através da força física e da virilidade masculina. Olhando para as torcedoras e pensando de que forma uma torcida que se constrói em cima de um ideal de força e violência masculina lida com as fissuras e demandas internas de gênero que surgem ao longo de sua existência, e sobretudo em sua contemporaneidade. Além de questionar se sociabilidades femininas voltadas para o torcer rompem com esse discurso da virilidade ou se adaptam e se contextualizam a ele, formando um *tipo ideal* (WEBER, 2004), do que seria uma torcedora organizada da Mancha Alviverde.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, busquei pincelar brevemente algumas questões etnográficas resultantes da minha pesquisa de doutorado em andamento, em conjunto com algumas discussões bibliográficas sobre o tema, situando minha pesquisa dentro da antropologia das práticas esportivas em diálogo com outras que já tem direcionado este olhar para além da hegemonia masculina no torcer e no jogar.

Deste modo, acredito que alguns pontos merecem destaque quando pensamos em pesquisas nessa temática de gênero e sexualidade, como é o caso deste Grupo de Trabalho.

Etnograficamente, e mobilizando também a bibliografia sobre as torcidas aqui escolhidas, pude perceber como no contexto das torcidas organizadas ainda impera o binarismo homem e mulher como único exemplo. Ainda que outras possibilidades de existências também estejam ali presentes de maneira marginal, é inegável a necessidade imposta de uma expressão de gênero carcada apenas no binarismo - homem ou mulher. O que tenho buscado frisar é que dentro dessa demarcação binária, as próprias experiências direcionadas às mulheres são também construídas a partir das masculinidades (ABOIM &

VASCONCELOS, 2022). Afinal, as torcedoras precisam constantemente performar um certo papel esperado e estereotipado pelos homens para se tornarem parte respeitada dentro de cada uma das torcidas.

Além da também significativa, multiplicidade dentre as próprias mulheres, em suas experiências individuais e coletivas inscritas por vezes no próprio corpo que as posicionam em lugares diferentes nas formas de sociabilidade em cada torcida.

Pensando a partir de como cada uma dessas mulheres são e estão no mundo como torcedoras organizadas, as próprias categorias analíticas, como o gênero, se esgarçam e extrapolam os limites acadêmicos para as necessidades do próprio campo, e do entendimento das próprias interlocutoras sobre este tema. Por isso, destaco aqui que, durante minhas pesquisas, o gênero é compreendido de uma perspectiva aberta que busca se relacionar constantemente com outras necessidades contextuais diversas das interlocutoras e seu entendimento da própria categoria. Pois, como demonstra Raewyn Connell (2003) o gênero não existe fora das relações sociais, pois ele nunca é, mas sempre se faz de acordo com suas disputas em contexto.

Por me ater a este movimento de análise atrelado às demandas do campo, destaco mais uma vez também a necessidade de uma leitura interseccional ao olhar para o gênero (CRENSHAW, 1989, 1991; HOOKS 2015; DAVIS, 2016; AKOTIRENE, 2019; HILL COLLINS; BILGE, 2021), A fim de olhar para as torcedoras e suas disputas não apenas como consequência das questões de gênero ali estabelecidas em relação aos homens, mas também como fruto de um enfrentamento diário dos demais marcadores sociais que as atravessam, como raça (GONZALES, 1984; HOOKS, 2015, DAVIS, 2016) e classe (HIRATA 2014; SAFFIOTI, 2015) que constroem inclusive os meios pelos quais as experiências de gênero se estabelecem para cada mulher de forma diversa neste contexto torcedor.

Portanto, concluo este trabalho, sem conseguir responder especificamente se é possível romper com a ideia de que existe uma categoria específica de gênero para o torcer e que ela pertence somente aos homens, mas apontando que possivelmente a resposta para que novos tipos de torcer sejam possíveis, venha de uma análise interseccional da realidade das torcidas organizadas.

### **Referências bibliográficas:**

ABOIM, Sofia; VASCONCELOS, Pedro. “O lugar do corpo. Masculinidades Trans e a materialidade corporal do gênero”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 3, e81202, 2022.

ANDRADE, Marianna. Para além da arquibancada: uma etnografia sobre as "Gaviãs" da Fiel. **Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)**, UNIFESP, São Paulo, 2022.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto & TOLEDO, Luiz Henrique. Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Revista Esporte & Sociedade**, 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas vol 1, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 241-252.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CAMARGO, Wagner X.; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando. **Vinte anos de diálogos. Os esportes na Antropologia Brasileira**. Curitiba: Brazil Publishing/ABA publicações, 2021.

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988**: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Tese (doutorado) Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2020. 340 p.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo**: ou, o duelo. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1981. 200 p.

CRENSHAW, Kimberlé. “Desmarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. In: UNIVERSITY OF CHICAGO LEGAL FORUM, v. 1989, article 8 [online]. Chicago: University of Chicago, 1989. Disponível em <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 04 de Julho de 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. “Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color”. Stanford Law Review, Palo Alto, v. 43, p. 1.241-1.299, jul.1991.

CONNELL, Raewyn. A Ciência da Masculinidade. In: **Masculinidades**. Cidade do México: UNAM, 2003. pp.15-72.

COSTA, Carlos Eduardo; TOLEDO, Luiz Henrique. Transformações do torcer: esportividade do olhar e olhares sobre a esportificação. **Ilha - Revista de Antropologia**, PPGAS – UFSC, 2022.

DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social**: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre, Editora da Universidade/IFCH-UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei. DAMO, A. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA UFMG**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana**: Práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, 2009.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HANG, Julia; HIJÓS, Nemesia; MOREIRA, Verônica. **Deporte y Etnografía. Pensar la investigación social entre los gêneros**. Buenos Aires: Editora Gorla, 2021.

HILL COLLINS Patricia & BILGE Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo social. vol.26 no.1 São Paulo Jan./June 2014.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira De Ciência Política**, (16), 193–210, 2015. Recuperado de

<<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2237> >. Acesso em: 04 de Julho de 2024.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O rabo do foguete - civilização & barbárie em uma torcida organizada de futebol. HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel: Ensaios e Etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer** depoimentos de lideranças das Torcidas Organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019.

KESSLER, Claudia; PISANI, Mariane. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero - **Conexões**, Campinas: SP, v. 20, e022017, 2022.

PIMENTA, Carlos A. M. Torcidas organizadas de futebol: Identidades e identificações, dimensões cotidianas. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, p. 122-128, 2000.

SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. Apresentação. Por uma (nova) agenda de pesquisa sobre práticas esportivas. *In*: SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (orgs.). **Entre jogos e copas**. Reflexões de uma década esportiva. São Paulo: Intermeios; Fapesp, p. 9-31, 2016.

Saffioti, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2015.

STRATHERN, Marilyn. **O Efeito Etnográfico** e Outros Ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

TEIXEIRA, Rosana da C. **Os perigos das paixões: visitando torcidas jovens cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo; Hucitec/ Fapesp, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. & SOUZA JUNIOR, Roberto. "Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19", **Ponto Urbe [Online]**, 26 | 2020. TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo

(Orgs.). **Visão de Jogo**: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: metafísica do homem comum, **Revista de História (USP)**.v. 1, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. “Políticas da Corporalidade: Socialidade Torcedora entre 1990-2010”. In: L. H. Toledo; J. Malaia; B. Buarque de Holanda; V. Andrade de Melo (orgs.). **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na sociabilidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n.40, jul/dez. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na Antropologia brasileira. Machado, Igor José de Renó; Fleischer, Soraya; Montardo, Deise; Cavnignac, Julie (orgs). **BIB - Ciências Sociais hoje**. Antropologia. São Paulo: Zeppelini Publishers, 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique. Sociabilidade: Etnografia de um conceito. In: Vinte anos de diálogos: Os esportes na antropologia Brasileira. Camargo, Wagner; Pisani, Mariane; Rojo, Luiz Fernando (orgs). **ABA Publicações**, 2021.

VICTOR, Fábio. Palmeirenses recriam a Mancha Verde. **Folha**, 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/27/esporte/4.html>> Acesso em: 13 de Junho de 2024.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.